



FILIADO À CSP-CONLUTAS

Sindicato dos Trabalhadores da USP

Boas-vindas aos calouros, calouras e caloures da USP!

Nós do Sintusp – Sindicato dos Trabalhadores da Universidade de São Paulo – queremos dar as boas-vindas aos ingressantes de 2026 que furaram o filtro social do vestibular nesta que é uma das mais importantes e também uma das mais elitistas universidades da América Latina.

Nos dirigimos aos estudantes da universidade, com quem compartilhamos o mesmo local de estudo e trabalho, porque entendemos que é preciso defender a universidade pública contra uma lógica privatista de ensino e pesquisa que, na USP, se expressa em cortes e insuficiência de investimentos em permanência estudantil, o que dificulta que estudantes de baixa renda se mantenham estudando, na precarização do trabalho, com congelamento de contratações de funcionários técnico-administrativos que resultam em estágios mal remunerados para substituir funcionários, precarizando a própria permanência estudantil, além do avanço da terceirização e da falta de professores, com contratações precárias que limitam a pesquisa e a orientação. Somos nós, trabalhadores da USP, que garantimos que as salas de aula estejam prontas, os laboratórios equipados, as bibliotecas organizadas e os campi em pleno funcionamento. Somos parte indissociável da vida universitária, da pesquisa e do ensino não apenas pelo exercício das nossas atribuições, mas porque somos parte da luta em defesa da universidade pública para que esta se coloque verdadeiramente a serviço dos trabalhadores e do povo pobre.

Ao longo dos anos, o Sintusp esteve presente em momentos cruciais da história da USP e do país. Ainda como associação de trabalhadores da USP (ASUSP), fomos parte fundamental da luta que arrancou a autonomia universitária. Com o fim da ditadura, que proibia sindicatos de servidores públicos, fomos o primeiro sindicato do funcionalismo a ser fundado em 28 de outubro de 1988, e até hoje encontramos resquícios desse período na USP, já que no regimento interno da USP, herdeiro do regime militar, o direito de greve e de sindicalização segue formalmente proibido, bem como esse mesmo regimento dá bases à perseguição a estudantes ativistas. Um dos marcos mais significativos da nossa trajetória foi a resistência aos decretos do então governador José Serra, em 2007, que ameaçavam a autonomia universitária e o caráter público da USP: naquela ocasião, o Sintusp, junto com o movimento estudantil, organizou greves, manifestações e ocupações que paralisaram a universidade, garantiram a revogação dos decretos e reafirmaram a força da mobilização unificada entre trabalhadores e estudantes.

Nós do Sintusp sabemos que a defesa das nossas condições de trabalho depende da defesa da universidade pública e dos interesses dos estudantes. É por isso que assumimos o compromisso explícito de estar ao lado das lutas estudantis: em defesa da permanência estudantil, pela ampliação de auxílios e vagas em moradia, pela melhoria das condições de vida no Crusp e nas demais moradias, pela ampliação e reajuste das bolsas, contra cortes e restrições que empurram estudantes trabalhadores para fora da universidade. Nos colocamos como aliados em todas as lutas em defesa da educação pública, gratuita e laica contra a repressão e qualquer tentativa da Reitoria de criminalizar a organização estudantil, as ocupações e os centros acadêmicos e DCE. Para nós, construir uma unidade forte e permanente entre trabalhadores, estudantes e professores, respeitando sempre a autonomia do movimento estudantil, é condição essencial para enfrentar o projeto privatista e garantir o direito de estudar com real permanência, com alimentação, moradia, transporte, saúde e cultura.

Quando falamos em nome dos trabalhadores da USP, nos referimos aos trabalhadores efetivos, mas também aos terceirizados, que hoje ocupam principalmente os postos de trabalho nos restaurantes universitários, na vigilância e controle de acesso e, sobretudo, na higiene e limpeza, onde se concentra a maioria das trabalhadoras terceirizadas – que em geral são mulheres negras. Nossa luta contra a privatização

da universidade, da pesquisa e de seus saberes passa por uma luta firme contra a terceirização, para que todos os trabalhadores hoje terceirizados tenham iguais direitos, igual salário e sejam efetivados sem necessidade de concurso, pois já trabalham na USP. A luta contra a terceirização é também uma luta contra o fechamento de postos de trabalho e o avanço de contratos precarizados que, além do vínculo frágil, significam baixos salários, sobrecarga e acidentes de trabalho, alguns fatais.

A terceirização na USP carrega todos os problemas da precarização das relações de trabalho: vulnerabilidade de direitos, sobrecarga, baixos salários, assédios moral e sexual e adoecimentos físicos e mentais. Combater a terceirização e lutar pela efetivação é parte fundamental da luta contra o projeto privatista de universidade que também nega a permanência estudantil, porque um campus com trabalhadores precarizados significa menos serviços, piores condições de vida e mais barreiras para permanecer estudando. Por isso, quando defendemos as trabalhadoras terceirizadas, estamos também defendendo o direito dos estudantes a restaurante aberto, campus limpo, RU funcionando e transporte digno.

Vocês que ingressam neste ano – e muitos que entraram nos anos anteriores – talvez não saibam que antes de existirem os ônibus circulares da SPTrans e o cartão BUSP, os circulares pertenciam à universidade, dirigidos por funcionários da USP, e todos que circulavam pelo campus da capital podiam utilizá-los, independentemente do tipo de vínculo. Com a mudança arbitrária imposta pela Reitoria, além do fechamento de postos de trabalho, sem novas contratações de motoristas e com a privatização do serviço de transporte, foi imposto um controle de acesso aos circulares por meio do cartão BUSP, limitando o uso a professores, estudantes e funcionários efetivos. Milhares de trabalhadoras terceirizadas ficaram de fora e hoje cruzam o campus a pé para chegar ao local de trabalho; se precisam ir ao banco ou a outro serviço, pagam a tarifa cheia ou vão a pé sob sol e chuva.

Desde 2023, o Sintusp, junto com juristas e intelectuais, impulsiona o Manifesto contra a Terceirização e a Precarização do Trabalho, levando adiante a luta pelo BUSP para as terceirizadas como forma de denunciar a segregação que essas trabalhadoras sofrem na universidade. Como parte dessa mesma batalha, denunciamos também a escala 6x1 que recai principalmente sobre as trabalhadoras terceirizadas e impõe uma jornada exaustiva e cruel. A luta em defesa das trabalhadoras terceirizadas é crucial para combater os projetos de privatização da USP e é uma luta que precisa ser tomada por todos nós – funcionários, estudantes e professores – como parte da defesa da permanência estudantil e do próprio caráter público da universidade.

A luta contra as fundações privadas e a estrutura de poder da USP também é central. As fundações submetem a pesquisa, a cultura e a extensão aos interesses empresariais, desvirtuando o caráter público da universidade e abrindo caminho para convênios e projetos alinhados ao lucro, e não às necessidades da maioria da população. Um exemplo emblemático é a luta para reverter a desvinculação do HRAC (Centrinho – Bauru) e o sucateamento do Hospital Universitário (HU), ataques diretos à saúde pública e à USP enquanto universidade socialmente referenciada. Além disso, a estrutura de poder da USP, centralizada na Reitoria e no Conselho Universitário (CO), é profundamente antidemocrática, controlada por diretores de unidade e representantes de interesses privados, contra a vontade da maioria de estudantes, funcionários e até de boa parte do corpo docente.

Neste momento de ingresso na USP, fazemos um convite à reflexão e à ação sobre os rumos da universidade e sobre o direito ao trabalho e ao estudo de forma digna e com qualidade. Queremos estar ombro a ombro na defesa das pautas estudantis mais urgentes – permanência estudantil, ampliação de auxílios, moradia, transporte, combate às opressões, fim da repressão e da criminalização das lutas – e na defesa da autonomia do movimento estudantil e das entidades estudantis frente às iniciativas da Reitoria e dos governos de atacar a organização de estudantes e trabalhadores. Somente uma forte unidade entre as três categorias – funcionários, professores e estudantes – pode impor uma derrota ao projeto de privatização da universidade e transformar a USP em uma universidade verdadeiramente a serviço dos trabalhadores e do povo pobre.

Sejam bem-vindes às lutas na USP e contem conosco!
Sintusp – Sindicato dos Trabalhadores da USP